

## DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA ALFABETIZAÇÃO EM CONTEXTO FRONTEIRIÇO DE CORUMBÁ-MS

*Kamile Frias Claros<sup>1</sup>*

*Márcia Regina do Nascimento Sambugar<sup>2</sup>*

**Eixo temático :10. Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas**

**Resumo:** Aborda-se neste texto a pesquisa que buscou conhecer os desafios enfrentados na prática docente de alfabetizadores de escolas da cidade de Corumbá/MS que tem como país vizinho a Bolívia, tomando-se o cenário de pandemia decorrente da covid-19 ofensores. O estudo aprontou que é perceptível que, no âmbito do ensino remoto os desafios se ampliaram, e que a interação ainda mais agravada pode afetar diretamente a oralidade da criança, bem como sua convivência com os demais colegas falantes da Língua Portuguesa. Constatou-se também a importância de conhecimentos prévios relacionados as línguas, como o espanhol, e a necessidade de proposição de políticas de formação continuada para os docentes que atuam dentro destas regiões, a fim de que possam ter o domínio básico da língua espanhola, bem como compreendam o contexto territorial, cultural no qual estão inseridos.

**Palavras-chaves:** Alunos estrangeiros, Ensino remoto, Alfabetização.

### Introdução

A alfabetização é um movimento dialógico no qual a relação professor e aluno é fundamental nesse processo, sendo necessário levar em conta as peculiaridades de cada criança. Contudo, essa dimensão comunicativa se torna mais complexa quando a escola está inserida em um contexto territorial de países diferentes, onde há o contato com várias línguas, como no caso de Corumbá que é uma cidade localizada no extremo oeste do estado de Mato Grosso do Sul, tendo a Bolívia em seu contexto territorial de fronteira. Uma característica singular das escolas corumbaenses é a presença de alunos bolivianos que residem na cidade e aqueles que moram nas cidades vizinhas, na Bolívia, mas estudam em escolas corumbaenses.

---

1Graduanda em Pedagogia pela UFMS. Bolsista PIBIC - UFMS. Contato: [kamilefrias@hotmail.com](mailto:kamilefrias@hotmail.com)

2Doutora em Educação pela PUC-SP. Professora Associada da UFMS. Contato: [marciasambugari@yahoo.com.br](mailto:marciasambugari@yahoo.com.br)

Em 2020, com o cenário mundial de pandemia devido a ameaça da Covid-19 foi necessário o isolamento social, e o fechamento das escolas que tiveram que buscar outros meios para permanecer com o contato com os alunos e suas famílias, conforme aponta Monteiro (2020). Essa situação tornou-se um grande desafio para as escolas, principalmente para o processo de alfabetização. No contexto corumbaense, essa situação ficou mais acentuada devido ao fechamento da fronteira Brasil-Bolívia em vários momentos durante o ano forma de barreira sanitária.

Dessa realidade suscitou a seguinte questão: quais são os desafios encontrados pelos professores das escolas de Corumbá/MS para alfabetizar as crianças bolivianas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no contexto do ensino remoto?

O interesse por esse tema partiu da trajetória escolar de uma das autoras deste estudo que teve a experiência de viver num país e ser alfabetizada em outro, a qual nos permite inferir de que a alfabetização de crianças estrangeiras nas escolas de Corumbá/MS pode ser efetivada desde que sua cultura seja valorizada, bem como o contexto em que elas vivem. E para isso, além dos alunos é necessário focalizarmos o nosso olhar ao professor, a fim de conhecer de que maneira o professor organiza a sua prática a fim de que o aluno estrangeiro se aproprie da leitura e da escrita da Língua Portuguesa, sem perder a sua língua de origem.

Dessa maneira, numa abordagem qualitativa, realizamos um levantamento dos desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores que possuem alunos bolivianos em suas turmas. Como instrumento para produção dos dados utilizamos um questionário elaborado no *GoogleForm*, contendo questões fechadas e abertas que foi respondido, em 2020, por professores que atuam no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano) sobre os desafios de ser alfabetizador em Corumbá, tendo algumas questões específica aos professores com turmas nas quais tivessem alunos bolivianos.

Os dados produzidos foram tabulados e organizados, buscando verificar o depoimento dos professores acerca da alfabetização em territórios fronteiriços em situações de ensino remoto.

Este texto apresenta, portanto o estudo<sup>3</sup> que é um desdobramento de uma pesquisa maior desenvolvida pelo grupo Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Práticas Docentes (Forprat), com o título “alfabetização e letramento em contextos escolares e não escolares”.

---

<sup>3</sup>Esse trabalho contou com o apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001.

## 2 A alfabetização em territórios fronteiriços – situando a temática

Ao fazermos um levantamento de pesquisas que abordam a alfabetização em região de fronteira constatamos que são poucas, evidenciando a necessidade de se adentrar mais ao tema. Silva (2016), ao realizar sua pesquisa sobre a alfabetização de alunos que estudam em Corumbá e são residentes na Bolívia. A autora define a fronteira como um espaço de caminho/elo, pois:

[...] o caminho é a descrição do trajeto que segue em direção a alteridade; o caminho é a descrição da estrada que conduz. Retrato este caminhar, tendo em vista o trajeto pela rodovia que deve ser percorrida para a interligação da região fronteiriça Brasil/Bolívia, corredor Corumbá – Puerto Quijarro e Puerto Suarez, com a intenção de que a continuidade seja real em qualquer interação planejada. Este percorrer o trajeto sempre apontará o caminho em duas direções, a ida e a vinda, e transporá a faixa de limite da fronteira, estabelecendo uma interligação que possui, na figuração de uma corrente, muitos elos. A rodovia é o elo mais palpável desta Zona de Fronteira Brasil/Bolívia - Corumbá/ Puerto Suarez (SILVA, 2016, p. 18-19).

Em sua pesquisa, a autora aponta algumas dificuldades, bem como traz algumas proposições. Uma das dificuldades apontadas pela autora é o desconhecimento dos alfabetizadores da língua espanhola, pois apenas uma de suas participantes da pesquisa “[...] descreve que além de se interessar pelo Espanhol, se interessa pelas questões além da língua. Num universo de 10 entrevistas realizadas este percentual equivale a 10% apenas. É muito pequeno o interesse pelo Espanhol, revelado nas entrevistas” (SILVA, 2016, p. 69).

Desse modo, a pesquisadora apresenta como proposta que os docentes aprendam a língua materna dos alunos, o espanhol, para que possa facilitar a comunicação entre eles e facilite o processo de ensino da leitura e escrita da Língua Portuguesa a esses alunos. É interessante pensar essa proposta, pois assim como os alunos surdos precisam de sua própria língua para aprender inicialmente ler e escrever, é de suma importância pensar que se os docentes se apropriassem da língua espanhola facilitaria o processo.

Santos (2016) nos alerta que:

[...] as condições materiais e culturais precisam ser consideradas na alfabetização das crianças residentes na Bolívia. Isso envolve uma mudança nas políticas públicas de alfabetização para as fronteiras vivas. A inserção da família no processo é, também, importante e deve ser incluída nas novas propostas pedagógicas para a alfabetização (SANTOS, 2016, p. 66).

Quando falamos em escolas em contexto fronteiriços, nos referimos a diferentes crianças, com suas peculiaridades e semelhanças, e a forma como interagem uma com a outra, adaptam e desenvolvem sua oralidade e feição pelas palavras. É importante ressaltar que aprender uma determinada língua não altera a sua.

Silva e Santos (2019) ressaltam que “[...] é importante considerar que o processo de

alfabetização envolve não só as habilidades de ler, escrever e compreender os textos, como também, a inserção do indivíduo na sociedade” (SILVA; SANTOS, 2019, p. 100).

Peixoto (2019) explicita sobre a identidade própria que a escola adquire ao estar situada em território fronteiriço, constituída de diferentes alunos oriundos de costumes e tradições de um outro lugar. Em sua pesquisa realizada em Foz do Iguaçu-PR, a autora aponta as vivências dos alunos e entrelaça este à aprendizagem. Além de entrevistas, foi utilizado um diário de bordo, onde foram apontadas, momentos vividos em observações e falas.

Embora sejam poucos os estudos com enfoque na alfabetização em contexto fronteiriço são representativos por apresentarem aspectos importantes que notaram e dialogaram com o nosso estudo.

### **3 Resultados e Discussão – Desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores**

O questionário organizado por meio do *GoogleForm* foi divulgado aos professores durante o mês de setembro de 2020, tendo o retorno de 42 respostas de professores alfabetizadores que atuam em ciclos de alfabetização em Corumbá, dentre os quais 21 atuam em turmas de 1º ano, 12 no 2º ano e 9 em turmas de 3º ano.

Quanto ao tempo de atuação na docência, 9 possuem até 5 anos, 13 tem entre 6 a 10 anos, 9 possuem 11 a 15 anos e 11 docentes tem entre 15 a 20 anos.

Quando perguntado se em sua turma há alunos bolivianos, dos 45 docentes 10 responderam sim. Dessa maneira, as discussões trazidas neste texto abordarão questões respondidas pelos 10 professores identificados como a palavra P seguido da numeração (P1, P2, P3, etc).

A seguir apresentamos a discussão dos dados a partir de dois eixos: (i) necessidade de conhecimentos específicos ao alfabetizador em região de fronteira e (ii) desafios enfrentados com relação ao ensino remoto.

Com relação aos conhecimentos específicos, verificamos que a comunicação de início é um desafio, pois o profissional de educação em sua bagagem de conhecimento, dificilmente possui um conhecimento prévio em relação ao Espanhol, então há descompasso na interação entre eles.

O alfabetizador que atua nesse contexto, ao observar gestos, e o silêncio deste, entende que o aluno não compreendeu o que foi passado, e isso gera uma preocupação, pois além de o aluno não entender, o professor não compreende qual parte do conteúdo ficou claro. Eis que a prática docente se torna um desafio, pois é partir das dificuldades que o educador busca ferramentas de possibilidades, um dos pontos destacados nas

entrevistas, é a cultura e costumes, pois é a partir do cotidiano, que pode se entender o meio em que o aluno vive, e então criar probabilidades de métodos de aprendizagem.

Nas falas a seguir poderemos observar com mais clareza como é desafiador esse processo:

“Conhecer a comunidade; Respeitar os conhecimentos popular dos estudantes; Saber unir o conhecemos popular com seu trabalho” (P1).

“A valorização dos conteúdos locais. O atendimento às particularidades geográficas do local” (P2).

“Conhecimento teórico e prático. Conhecer a realidade do aluno, qual conteúdo a ser trabalhado” (P3).

“Conhecimento dos costumes e vivência dos moradores dessa área” (P4).

“Necessário conhecer a cultura e a história local” (P6).

“Conhecimento dos costumes da população” (P7).

“Conhecer a comunidade; Respeitar os conhecimentos popular dos estudantes; Saber unir o conhecemos popular com seu trabalho” (P8).

“Conhecimento das necessidades do aluno quanto a sua realidade” (P9).

Dos respondentes, apenas dois trazem, com mais especificidade, quanto aos conhecimentos específicos, como a questão do conhecimento da língua espanhola (P5) e o desafio de alfabetizar como um ato de reinvenção (P10), conforme podemos verificar nos excertos a seguir:

“Entender um pouco de espanhol e de como funciona a comunidade” (P5).

“Por ser uma região fronteiriça, você tem que adequar muitas coisas. No caso da alfabetização que fazemos associação de letra e som com a pronúncia torna o trabalho muito mais difícil. Você tem que sempre se reinventar” (P10).

Quanto aos desafios enfrentados com relação ao ensino remoto, a partir da análise dos professores respondentes é possível observarmos que há uma preocupação com o retorno das atividades pelos alunos, considerando o bloqueio da fronteira, bem como a dificuldade de acesso a internet.

Enquanto a aula presencial ainda é um desafio aos professores, quando pensamos na comunicação através de aulas remotas, essa situação é ainda mais preocupante, pois gera um afastamento desses alunos com a Língua Portuguesa, ocasionando até no esquecimento, a falta da pronúncia e o contato resultam em mais um desafio a ser enfrentado.

Outro ponto destacado é quanto as atividades. É importante refletimos que durante a pandemia muitos alunos brasileiros não conseguem buscar as atividades nas escolas, e quando estendemos essa busca a outro país, esse acontecimento é ainda complexo, pois estamos falando de um país vizinho e, de acordo com as devidas providências tomadas para restringir o aumento da propagação do vírus, por muito tempo a fronteira ficou fechada. E quando se trata de internet, é notável que nem todos os alunos possuem desta ferramenta em suas casas, conforme podemos verificar nos depoimentos a seguir:

“A dificuldade maior é com relação as entregas das atividades, não tem como eu saber como o aluno está se saindo, não tem como corrigir e passar um *feedback*” (P5).

“A distância” (P2).

Alunos que moram do outro lado da fronteira não pegam atividades impressas e nem tem acesso à internet (P3).

“A dificuldade dos alunos entregarem as atividades nas datas prevista (P1).  
Acessibilidade muitos alunos possuem Internet” (P6).

“Retorno das atividades remotas” (P8).

“Obter retorno sobre as atividades, aprendizado” (P9).

Outro aspecto trazido por dois professores refere a dificuldade de comunicação, entre aluno e professor que se intensificou com a pandemia, que levou a se realizar o processo de busca de atividades na escola, então o professor dificilmente conseguiria de fato falar com o aluno. Em seu cotidiano, o único contato que este poderia ter é com sua família que por sua vez somente possui propriedade da Língua Espanhola.

“Nenhum deles fala Português” (P4).

“O aluno fala espanhol e não quer falar português, pois sabe falar” (P7).

Essas situações nos remetem a pensar acerca da necessidade de uma apoio maior quando essas crianças retornarem as aulas presenciais. Será um processo longo que demandará formação ao professor e compromisso da rede de ensino de Corumbá diante desses desafios.

#### **4 Considerações Finais**

Dado o exposto, podemos inferir, por meio deste estudo, que o processo de alfabetização em contextos fronteiriços, situado em meio a uma pandemia, constitui-se num

processo para além de desafiador, pois não se trata apenas de dificuldades de comunicação dentro de sala de aula, mas sim de uma comunicação direta com o aluno que se encontra fisicamente em outro país.

Em vista dos depoimentos apresentados, é notório quanto ao tempo de atuação dos professores, e que sempre que lhes é concedido dentro de sala de aula trabalhar com uma criança estrangeira. De início há uma certa preocupação, entretanto, ao longo do tempo este cria formas e estratégias de trabalho tendo em vista a aprendizagem do aluno, seja falar com calma e com pausas entre as falas para que a criança entenda melhor, ou até com movimentos corporais e gestos.

É perceptível que, no âmbito do ensino remoto os desafios se ampliaram, e que a interação ainda mais agravada pode afetar diretamente a oralidade da criança, bem como sua convivência com os demais colegas falantes da Língua Portuguesa.

Com a realização deste estudo verificamos a importância de conhecimentos prévios relacionados as línguas, como o espanhol, sendo necessária a proposição de políticas de formação continuada para esses docentes que atuam dentro destas regiões para que possam ter o domínio básico da língua espanhola, bem como possam compreender o contexto territorial, cultural no qual estão inseridos.

## Referências

- MONTEIRO, Sandrelena da Silva. Inventar educação escolar no Brasil em tempos da covid-19. **Revista Augustus**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p. 237-254, 2020.
- PEIXOTO, A. J. A. M. **Identidades e Fronteiras: vivências e cotidianos em ambiente escolar de Foz do Iguaçu**. 2019. 123 p. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2019.
- SILVA, N. B. P. R.; SANTOS, E. M. A. As dificuldades do processo de alfabetização do aluno brasileiro residente na Bolívia. **Ipê Roxo**. Jardim, ano 1, n. 1, jul-dez, p. 98-117, 2019.
- SILVA, N. B. P. R. **Escola de Fronteira: a proposta para alfabetização de alunos residentes na Bolívia que estudam na escola CAIC, em Corumbá/MS**. 2016. 84 p. Dissertação (Mestrado em estudos fronteiriços) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal, Corumbá, MS, 2016.